

A cartografia que o planejamento urbano formal não vê: trajetos urbanos e lugares de afeto das moradoras do bairro Delta do Matapi em Santana - Amapá

The cartography that formal urban planning does not see: urban routes and affection places of the residents of the Matapi Delta district in Santana - Amapá

Jesiane da Silva Barbosa¹ e Eliane Cabral da Silva²

¹ Acadêmica do curso de Geografia, Licenciatura/UNIFAP. E-mail: jeisy_b@hotmail.com

² Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Geografia/UNIFAP. E-mail: lianecabral@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho é um estudo de caso realizado com moradoras do Bairro do Delta do Matapi em Santana - AP; buscou, a partir da análise dos trajetos urbanos realizados, evidenciar uma cartografia dos lugares de afeto das mulheres no interior do bairro. A intenção da pesquisa foi, via construção de mapas mentais pelas moradoras, demonstrar e valorizar lógicas de uso do território, diferentes daquelas que comandam o planejamento urbano formal, na maioria das vezes, pautadas pelo uso racional e eficiente dos espaços, especialmente do ponto de vista econômico.

Palavras chave: Lugar. Planejamento. Mulheres. Bairro do Delta do Matapi. Mapas mentais.

ABSTRACT: The present study is a case study carried out with residents of the Matapi Delta district in Santana - AP; sought, based on the analysis of the undertaken urban routes, to show a cartography of affection places of women in the interior of the district. The research intention was, through the construction of mental maps by the residents, to demonstrate and value logics of land use, different from those that command the formal urban planning, most of the time, guided by the rational and efficient use of spaces, especially from the economical point of view.

Keywords: Place. Planning. Women. District of Matapi Delta. Mental maps.

Sumário: 1. Introdução - 1 O conceito de lugar na Geografia - 2 Os mapas mentais como metodologia de registro de dados e representação territorial - 3 Bairro Delta do Matapi: que espaço é esse? - 4 Bairro Delta do Matapi: que LUGAR é esse, segundo as mulheres? - Considerações Finais - Referências.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, a partir do estudo dos trajetos urbanos¹ realizados pelas morado-

¹ Trajetos urbanos, nesse trabalho, é entendido como os percursos cotidianos que as mulheres realizam no interior da cidade. No caso do trabalho, o recorte territorial é o bairro; nesse sentido, os trajetos das mulheres analisados são aqueles realizados no interior do bairro.

ras do Bairro do Delta do Matapi em Santana, no Amapá, buscou evidenciar uma cartografia dos lugares² de afeto das mulheres no interior do bairro. A intenção da pesquisa foi, via construção de mapas mentais pelas moradoras, que tinha como finalidade demonstrar e valorizar lógicas de uso do território, diferentes daquelas que comandam o planejamento urbano formal³, as quais, na maioria das vezes, pautadas no uso racional e eficiente dos espaços, especialmente do ponto de vista econômico. A opção por trabalhar com as mulheres não foi aleatória, mas, devido às várias funções sociais que cumprem (trabalhadoras, mães, estudantes, entre outras), os trajetos urbanos que realizam se constituem em múltiplas experiências e usos espaciais.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa teve como horizonte teórico os pensamentos da geografia cultural e humanista. É um estudo de caso com levantamento de dados qualitativos. Envolveu a participação de 21 mulheres. O levantamento dos dados empíricos teve início em junho de 2017 e concluído em novembro do mesmo ano. A abordagem das mulheres para participarem da pesquisa foi feita a partir de visitas individuais em suas residências, momento em que foram explicados os objetivos do estudo, o que são mapas mentais, e solicitada a construção dos mapas mentais às moradoras.

Ainda do ponto de vista da metodologia, entende-se que os mapas produzidos pelas moradoras do Bairro do Delta do Matapi têm a mesma potência de representação que os mapas produzidos no contexto da cartografia formal para orientação dos planejamentos urbanos governamentais e definição de políticas públicas, visto que são representações espaciais construídas e constituídas a partir dos usos de experiências vivenciadas no território.

A escolha em trabalhar com a categoria lugar como dimensão de representação espacial nos mapas, também não foi por acaso: tem relação com o fato dessa ser a categoria que melhor expressa, do ponto de vista da teoria geográfica, a importância que as pessoas estabelecem para o espaço em que vivem e transitam.

1 O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA

O espaço geográfico, para pensadores da Geografia Humanista, é um conceito que não dá para ser trabalhado sem pensar a ideia de lugar. De acordo com Tuan (2013), o espaço é um movimento e o lugar é a pausa nesse movimento, que lhe atribui valor, e é nessa atribuição de valor e sentido que fica clara a diferença entre lugar e espaço, pois o lugar é repleto de significados e sentimentos, sendo apenas uma parte dentro do espaço. Para o espaço existem lugares onde vivemos e lugares que vivem em nós, são lugares da topofilia, ou seja, locais da

² Cartografia dos lugares e os mapas mentais produzidos pelas mulheres do Bairro Delta do Matapi em Santana-AP são entendidos como constituintes do que chamamos de cartografia social. As “cartografias sociais”, ou “mapeamentos participativos”, podem ser explicadas como sendo um subcampo da cartografia, que se individualiza pela ênfase na participação de não especialistas na elaboração de representações espaciais, as quais são apresentadas nas formas de mapas, croquis ou cartogramas e, muitas vezes, se constituem em cartografias dinâmicas e situacionais do lugar (ACSELRAD; COLI, 2008).

³ Planejamento urbano formal, neste texto, é entendido como aquele que ocorre fazendo uso dos processos de cartografia formal, e são institucionalizados no âmbito do poder público, a exemplo dos planos diretores e outros, feitos via existência de normatizações e leis específicas.

familiaridade, do apego dos sentimentos e que produzem lembranças.

Souza (2013) apresenta o lugar como um espaço percebido e vivido, dotado de significado, no qual se desenvolvem e se extraem os “sentidos de lugar” e as “imagens de lugar”. Para esse autor o lugar não é algo só material, ele possui uma dimensão cultural simbólica, ele está ligado aos sentimentos, à topofilia, e sem esse sentimento não é lugar.

O lugar, para Souza, surge então, como uma parte do espaço geográfico que se difere pelos significados que ele tem a partir do momento de vivência, ele não é material e só existe enquanto houver relações sociais nele. As imagens que ele retrata não são “coisas materiais”, e sim, o próprio lugar, seus significados - ele só existe pela topofilia. Para esse autor, sem os sentimentos e as imagens que se produzem e reproduzem na comunicação e nos discursos, o que há é o substrato material, não o lugar.

Goettert (2008), ao trabalhar o conceito de lugar no estudo realizado sobre migração, evidencia que o lugar também tem muito a ver com a memória do sujeito, com a construção e reconstrução do espaço. O sujeito migrante, ao deixar o seu lugar de origem, de vivência, onde era mantido o sentimento de pertencimento e construção de sua identidade, precisa lidar com a experiência de conhecer um novo lugar, onde vai construir uma nova identidade - apesar das lembranças do passado, precisará construir um novo lugar. Para esse autor não há lugar sem memória, porque não há lugar sem sujeitos - não há sujeito sem memória.

Nesse sentido, o lugar é apresentado pelos autores como um recorte espacial, diferenciado por sentimentos, valores e sentidos atribuídos a ele; que possui uma carga histórica e emocional; é nele que se constrói o presente e se planeja o futuro. Pode ser abstrato, também pode ser concreto, mas ele existe, é real e se pode conhecê-lo de diferentes formas. O lugar é o cotidiano, espaço vivido, percebido e cheio de significados, e, por isso, deveria ser considerado como uma das dimensões a serem observadas nos processos de planejamento urbano formal, visto que um dos objetivos do planejamento oficial é pensar a cidade para todos e todas que vivem nela.

2 MAPAS MENTAIS COMO METODOLOGIA DE REGISTRO DE DADOS E REPRESENTAÇÃO TERRITORIAL

Os mapas mentais foram escolhidos como forma de representação e registro dos lugares afetivos para as moradoras do Bairro do Delta, não apenas porque revelaram como as mulheres ocupam seu espaço, mas também por mostrarem como elas percebem, concebem, conceituam e o transformam cartograficamente. Mapas mentais não são estruturas concretas, mas processos cognitivos, determinados pelos modos pelos quais se percebe, vê e compreendem o mundo.

Seemann (2013) afirma que esse tipo de representação apresenta uma maneira diferente de analisar o espaço e, principalmente, desmistifica a concepção de que o mapa é uma leitura singular, fixa e padronizada da realidade. A produção do mapa mental abre caminhos para que se questione e incorpore diferentes análises da perspectiva geográfica sobre um determinado espaço.

A produção de mapas mentais aproxima quem os faz dos estudos da cartografia, ampliando suas perspectivas espaciais para além das leituras de textos e mapas tradicionais. Lima e Kozel (2009) afirmam que os mapas mentais são uma expressão da sensibilidade e carregam consigo a formalidade da expressão territorial; neles, a pessoa se põe como elemento simbólico, ou seja, expõe seus símbolos internalizados. Os mapas mentais mostram o espaço construído: o lugar é formado pelos seres humanos e suas obras.

Quando se pensa em um mapa mental que faz representação do lugar, acredita-se que este mapa reproduz experiências de vivências e percepção do sujeito que o produz. Que demonstrem os elementos mais importantes, com maior significado e valor social no espaço representado. As representações do lugar e da experiência com o lugar nos mapas mentais reproduzem um histórico do sujeito com o lugar, porque o sujeito, ao construir seu próprio mapa, se agarra em suas memórias, podendo assim revelar seu histórico de vida e os elementos que ajudam na construção de sua identidade. Por esses motivos ele se torna uma reprodução sensível capaz de se aproximar da realidade do sujeito que o reproduz.

Outro fato importante nessa metodologia é que, embora a produção de mapas mentais tenha como referência relações espaciais territorializadas, é uma criação mais livre, que permite, ao elaborador, usar da criatividade e abordar temas que lhe são importantes. Condição que geralmente não está presente no âmbito da produção cartográfica formal, visto que essa é pautada por regras não muito flexíveis, com focos específicos ou temáticos pré-definidos para representação. Pontuschka, Pagnelli e Cacete (2009) afirmam que as cartas (mapas) mentais são instrumentos eficazes para compreender os valores que os indivíduos atribuem aos diferentes lugares.

Por serem uma condição mais democrática e livre de representação cartográfica, adotar os mapas mentais como forma de representação, pelas mulheres do Bairro Delta, de seus lugares, parece a estratégia mais adequada, visto que um dos objetivos do trabalho é valorizar, a partir da representação cartográfica, o protagonismo espacial das mulheres.

3 BAIRRO DELTA DO MATAPI: QUE ESPAÇO É ESSE?

O Bairro do Delta do Matapi é um bairro da cidade de Santana, localizado em uma área que tem como entorno a zona rural do município de Santana e fica nas proximidades da foz do Rio Matapi. O bairro possui uma população de cerca de 115 famílias e é apresentado pelos moradores como um bairro tranquilo, silencioso, com poucos comércios e onde todos os moradores se conhecem.

Nesse bairro as pessoas conservam uma forma de viver em que as crianças brincam nas ruas, os adultos se reúnem na frente de suas casas para conversar no final da tarde e os ritmos dos fluxos espaciais são lentos, se comparado a outras regiões da cidade. Muitos dos seus moradores são de origem ribeirinha e vieram morar em Santana em busca de melhores serviços, mas escolheram residir no Bairro em função da proximidade com o rio, preservando, dessa forma, um dos elementos fundamentais da cultura ribeira, que é o contato com o rio⁴.

⁴ Informação adquirida por meio de conversas informais com as moradoras que participaram da pesquisa.

Pode-se dizer que o Bairro do Delta do Matapi ainda preserva um estilo de vida pacato e o valor de uso dá o sentido maior na ocupação do seu espaço. Valor de uso aqui se refere ao fato de que, nesse lugar, a ocupação da terra se deu e continua ocorrendo para satisfazer as necessidades de sobrevivência da população que vive no lugar; a terra, enquanto valor de troca, tem importância menor, prevalecendo sobre ela o valor de uso, ou seja, a terra é para atender os interesses das pessoas que vivem nelas e não os interesses do mercado.

4 BAIRRO DELTA DO MATAPI: QUE LUGAR É ESSE, SEGUNDO AS MULHERES?

Neste item serão apresentados e analisados seis dos vinte e um mapas construídos pelas moradoras do Bairro Delta do Matapi. A análise de todos os mapas tornaria esse texto muito extenso, por isso se optou por trabalhar só com seis. Para a definição dos seis a serem incluídos neste estudo, considerou-se aqueles com maior número de elementos e que permitiriam maior discussão. Conforme já apontado, o lugar será evidenciado a partir da perspectiva da geografia humanista e cultural. A análise será iniciada pela Figura 1, cujo título é “Bairro do Delta do Matapi – Saudades”.

Figura 1 - Mapa mental “Bairro do Delta do Matapi - Saudades”



Fonte: Trabalho de campo (2017).

A figura de número 1 representa algumas ruas do Bairro do Delta e contém algumas das principais paisagens do bairro. A autora, por meio da legenda, ou descrição de algumas imagens, aponta os lugares significativos no espaço para ela, tornando fácil a compreensão da importância e dos sentimentos atribuídos a esses lugares. Na parte superior da Figura 1 aparece o título do Mapa “Bairro do Delta do Matapi: saudades”, que já aponta que a repre-

sentação de lugar é feita, sobretudo, por lembranças e memória.

O lugar representado foi onde a autora cresceu e teve diversas experiências e vivências. A imagem da escola é retratada como um lugar de sentimentos positivos, um lugar de experiências boas, há um sentimento pelas vivências do passado, do tempo que a moradora estudava na escola e que são guardados na memória.

Outros pontos de destaque são a Igreja, a casa da amiga de infância, a casa dos avós, a casa da própria moradora, o Rio Matapi, a imagem das árvores enquanto lugar de encontros com os amigos e os Ipês amarelos enquanto paisagens que demonstra beleza à trilha cotidiana da moradora. Nesse mapa os lugares representados são os lugares de afeto ou topofilicos, como classifica Tuan (2013).

Figura 2 - Mapa mental representando a paisagem do Bairro do Delta do Matapi



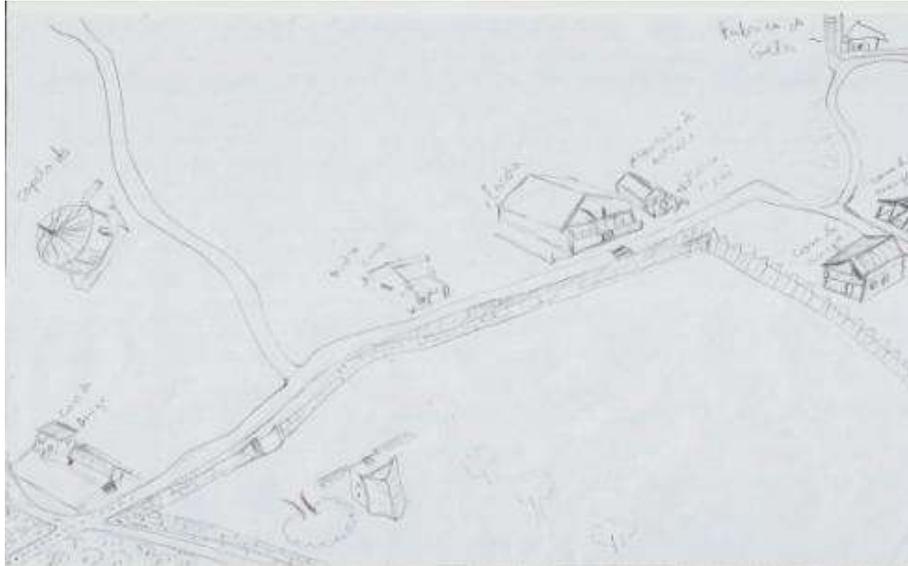
Fonte: Trabalho de campo (2017).

Enquanto que o mapa representado na Figura 2 destaca o Rio Matapi e o campo de futebol como lugar de diversão, de lazer, de encontros e sentimentos alegres. No desenho o Rio Matapi é representado com várias crianças brincando dentro dele e o campo de futebol é identificado como um lugar de concentração de pessoas, indicando que ali é um lugar de vivência, onde tem a construção de relações sociais. O mapa evidencia, especialmente, a relação dos moradores com a água, e isso pode ser observado na imagem do rio, com pessoas tomando banho e, ao mesmo tempo, pessoas em um barquinho, talvez pescando.

Observa-se, também, no mapa 2, que a autora fez questão de ignorar a distância física existente entre a igreja do bairro e o Rio Matapi, que na realidade é longa, colocando esses locais no desenho como próximo, demonstrando assim que tanto o rio quanto a igreja têm mais significados para ela, visto que a distância física é desconsiderada em função da proxi-

midade relacional e emocional que a autora tem com esses lugares.

Figura 3 - Mapa mental com percursos realizados no Bairro do Delta do Matapi



Fonte: Trabalho de campo (2017).

No mapa da Figura 3, a maioria dos pontos destacados na trilha cotidiana reflete a forma com que a produtora do mapa observa o espaço geográfico do bairro. No mapa ela tenta reproduzir a realidade espacial, por alguma razão avultando somente alguns pontos. Durante a pesquisa, observou-se que, em volta de onde a autora mora, existe muitas casas e uma grande área com árvores, porém a moradora não os reproduziu. Nesse sentido, ela reproduziu sua realidade espacial, mas sem levar em conta alguns lugares que talvez não sejam significativos para ela.

Figura 4 - Mapa mental “meu quarto, minha casa”



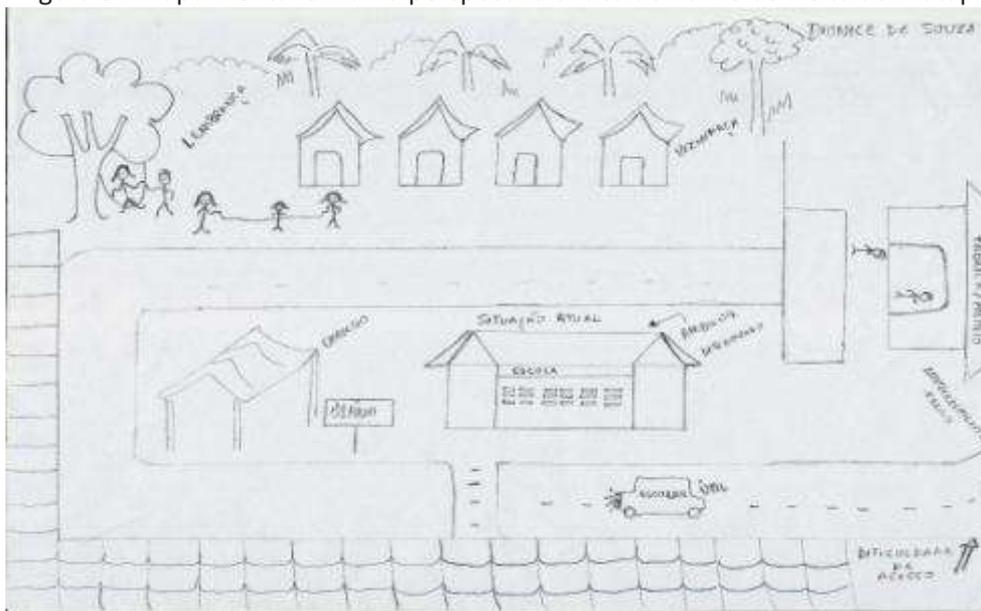
Fonte: Trabalho de campo (2017).

Na Figura 4, dentre os recortes de lugares no espaço apresentado, surge a imagem do “meu quarto”. Ela desenha alguém dentro do quarto, que pode ser a representação da própria desenhista. Nesse mapa a autora apresenta uma sobreposição de lugares. O quarto, que é um lugar, se encontra dentro de outro lugar, que é descrito pela autora do mapa como “minha casa”. Dentro da casa percebe-se o desenho de mais pessoas, simbolizando a família, ao lado alguns desenhos de “coração”, representando o sentimento que a moradora do Bairro tem por esse lugar.

Nesse mapa a casa surge como o local de familiaridade, de vivência topofilica, conforme explicado por Tuan (2013). Outro ponto significativo, no mapa da Figura 4, é o rio na parte superior, canto direito do desenho. Essa imagem passa a ideia de alegria, diversão, vivência e experiência.

Na Figura 4, o canto esquerdo do mapa tem a paisagem de uma casa, legendada de “casa do Manel”, onde a presença do desenho de pessoas e de três corações, podem representar o sentimento que se tem por este lugar e pelo “Manel”. A imagem da igreja enquanto lugar, nesse mapa, também chama a atenção por ser o único em que se tem a representação de chuva sobre a mesma, provavelmente por essa paisagem ser uma lembrança, um lugar na memória, mas também indica a importância da religiosidade ou dos espaços de sociabilidade que a igreja promove no contexto do bairro.

Figura 5 - Mapa mental em uma perspectiva crítica do Bairro do Delta do Matapi



Fonte: Trabalho de campo (2017).

A imagem da Figura 5 é o mapa mental de uma moradora que tentou passar uma mensagem diferente sobre o bairro onde ela mora, focando no lugar enquanto o espaço onde acontece a produção das técnicas. Ela desenha a “olaria” e, ao lado, legenda “emprego”, talvez porque as fábricas de tijolos são consideradas como a principal atividade econômica do bairro, e muitos dos moradores trabalham ou já trabalharam lá.

como as fábricas fechadas e as fábricas de tijolos, como espaços do trabalho.

Em geral, a paisagem valorizada, ou mais representa nos desenhos, sempre foi aquela que mais se aproxima do ambiente real do bairro e apresenta o Rio como um elemento constituinte da vida dessas mulheres. Problemas, como a insegurança urbana e o isolamento social, pouco apareceram nos mapas construídos.

Os desenhos das mulheres valorizaram mais os lugares enquanto espaços de afetos e aqueles ocupados por grupos de pessoas e/ou então da vida em vizinhança. Nesse sentido é possível dizer que as cartografias espaciais dessas mulheres valorizam ou evidenciam os espaços coletivos, os espaços das relações sociais, o afeto familiar e os lugares do trabalho, ou seja, suas representações potencializaram o bairro enquanto um valor de uso e produção coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos mapas produzidos pelas mulheres diversos trajetos urbanos foram representados. Mesmo se tratando de um só espaço geográfico, as paisagens no Bairro do Delta do Matapi foram representadas diferentemente, isso porque as percepções e as formas de vivenciar o lugar dependem da experiência individual de cada mulher.

Mas, de forma mais geral, pode-se dizer que quase sempre os lugares afetivos para essas mulheres apareceram associados a espaços de encontro, alegrias e coletivos. Muitas voltaram ao passado, representando o lugar como algo guardado na memória, e que sentem saudades devido às lembranças. Mas também, teve aquelas que fizeram das suas representações dos lugares no bairro uma crítica social, reivindicando emprego e transporte coletivo.

Em todos os mapas foi possível perceber que o lugar representado nos trajetos urbanos estava em acordo com o que é entendido por lugar no contexto do debate geográfico, em especial pelos autores da Geografia Humanista Cultural, referência para o debate desse conceito, neste trabalho. Mas, para além do entendimento de lugar, as mulheres expressaram nos mapas produzidos aquilo que espacialmente é importante e tem significado para elas no contexto do bairro. E, nesse sentido, produziram uma cartografia que valoriza os espaços coletivos, do encontro, da brincadeira e da alegria.

Considerando que a cartografia produzida pelas mulheres moradoras do Bairro Delta do Matapi é uma cartografia do que é importante e tem significado espacial na vida delas, e também, que o planejamento urbano formal tem a função primeira de pensar e planejar uma cidade segundo as demandas que são mais importantes para as pessoas que vivem nela, levantando-se a importância desse tipo de cartografia social, serem consideradas nos processos de planejamento formal, devido representarem os espaços da cidade segundo a importância definida pelos moradores.

É obvio que não está sendo proposta a supressão dos procedimentos da cartografia formal dos processos de planejamento urbano formal. Inclusive, há o reconhecimento da importância desse processo, mas o que se levanta é a riqueza de informações que os mapeamentos, no âmbito da cartografia social, podem trazer a esses procedimentos de planeja-

mento urbano, de forma a fazê-los mais certos e eficientes na proposição de políticas urbanas, visto que várias dimensões da realidade são consideradas, em especial no que diz respeito às relações cotidianas das pessoas com seus territórios.

Nesse sentido, práticas de planejamentos no urbano, que não consideram as formas de apropriação do território, realizada pelas pessoas que vivem nele, e mais, que essas formas de apropriação territorial são diferentes entre homens e mulheres em função dos usos que cada gênero faz no território, é fazer um planejamento que não considera a importância que os habitantes dão aos lugares em que vivem, é fazer, muitas vezes, um planejamento, mesmo que intitulado participativo, órfão de sentido, de representatividade, de gente.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri; COLI, Luis Régis. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: ACSELRAD, Henri. (Org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2008. p. 13-44.
- GOETTERT, Jones Dari. **O Espaço e o Vento**: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados: Editora UFGD, 2008.
- LIMA, Angélica Marcelo Lozano; KOZEL, Salette. Lugar e mapa mental: uma análise possível. **Geografia**, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências, v. 18, n.1, p. 207-231, jan./jun. 2009.
- PONTUSCHKA, Nidia N; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para aprender e ensinar Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SEEMANN, Jörn. Histórias da Cartografia, Imersão em Mapas e Carto-Falas: métodos para estudar culturas cartográficas. **GAZETTA**, Valéria; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. (Orgs.). **Grafias do Espaço**: Imagens da educação geográfica contemporânea. Campinas: Editora Alínea, 2013.
- SOUZA, Marcelo Lopes. **Os Conceitos Fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: a Perspectiva da Experiência. Londrina: Eduel, 2013.

Artigo recebido em 01 de março de 2018.

Aprovado em 24 de abril de 2018.